

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1182	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	30 de Outubro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Quem não terá experimentado, ao menos uma vez na vida, a suspeição de ser conspirador? Ninguém. Com fundamento ou sem elle, o certo é que andamos todos desconfiados uns dos outros. Chega o amigo a desconfiar do amigo, o filho a desconfiar do pae e o pae a desconfiar do filho. A propria atmospheria, o ar que respiramos, anda saturado de desconfiança.

A conspiração entrou nos nossos costumes, e sabe-se como deixou de ser uma palavra van. A' conspiração, porém, contrapõe-se o carbonario; e cada um de nós, tambem, se o não é, tem pelo menos um na familia, e alguns entre as pessoas das suas relações.

Póde alguém, por exemplo, dizer que não tenha um primo?

A simples expressões de linguagem corrente, que nunca tiveram mais que um sentido, e andavam na bôca de todos quantos gostam de falar com naturalidade e modestia, não perdem tempo em procurar termos empolados como faz o Sr. Conselheiro Pomposo, passou-se a attribuir uma importancia de significado que, de um momento para outro, póde pregar com um sujeito na enxovia, incommunicavel, a postas de bacalhau e pão de rolão.

Isto, por exemplo:

— «Adeus, Fulano, como estás tu?»

— «Bem, obrigado.»

— «Ha quanto tempo te não via!»

— «E' que eu agora appareço pouco. São da choça para o emprego; são do emprego volto para a choça...»

Choça é, na constituição intima das associações perigosas, o modo por que se designa um certo agrupamento dos seus membros, quando dispostos a entrarem em acção. Assim como ha o canteiro, a floresta, e possivelmente — a horta.

Ouve-se um sujeito dizer a outro, á saída do espectáculo de Dona Maria, a horas de ceiar:

— «Vens d'ahi comigo á Floresta?»

E tudo é pasmo!

A Floresta é uma casa de pasto onde não se come nada mal, e que está ali ao pé.

O terror é tanto, e tanto a policia o alimenta e engorda, que Lisboa, de pacata e confiante que era, tem-se tornado um fóco de perturbação e

suspeições. De longe em longe, quando acontecia estar no poder um governo que não tinha outro meio de arranjar emprego para algumas centenas de matulões protegidos dos seus galopins, promovia-se uma sarrafusca, em que se mandava a alguns policias que rachassem a cabeça uns aos outros, e no dia seguinte era levada ás Camaras uma proposta de lei justificando e augmentando o corpo da Policia com mais tantos guardas quantos fôsem os afilhados que houvesse para empregar.

Se havia, por parte de algum governo mais atrevido, ataque a immuniidades que tocassem p'la porta ao direito do povo, juntavam-se alguns exaltados n'um quintal de muros baixos, e em pleno dia, á clara luz do sol, estimulavam o povo

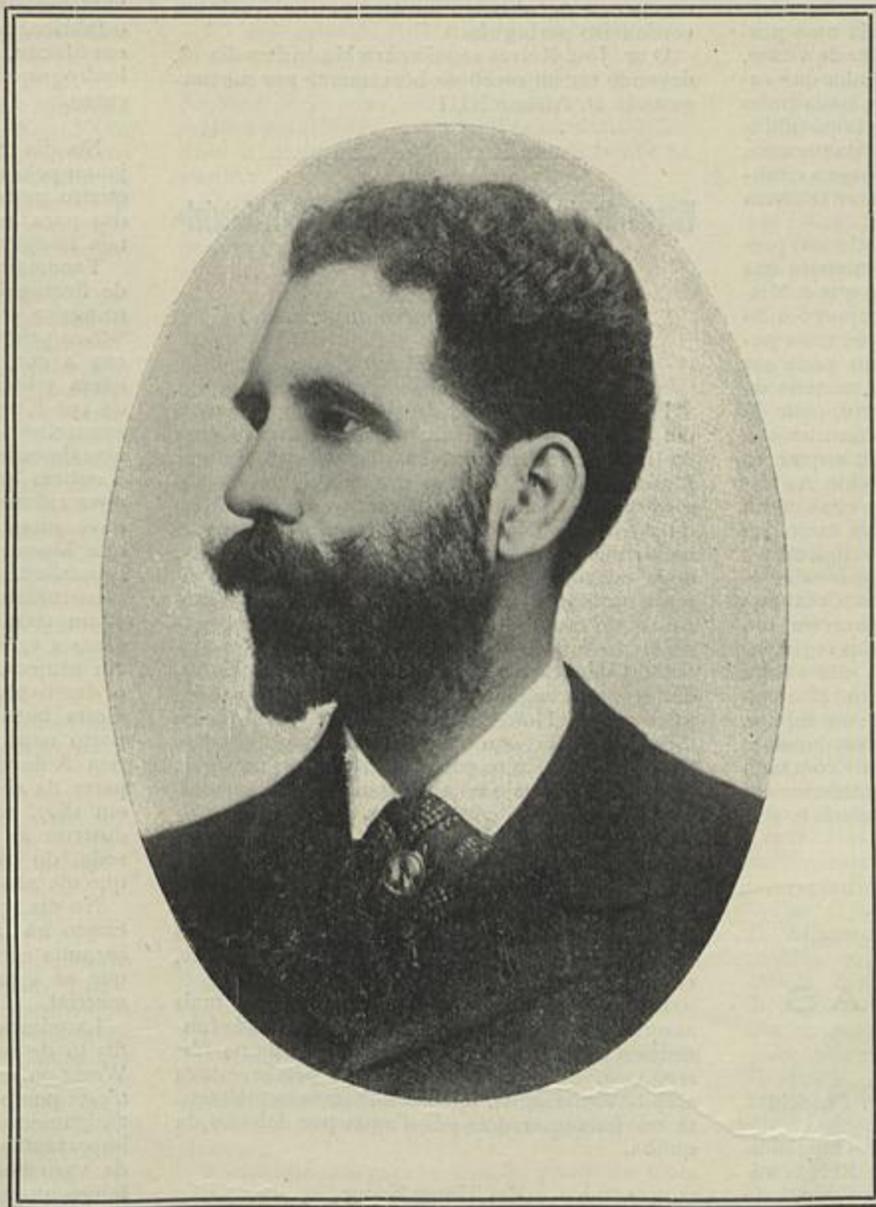
a fazer valer o seu direito — primeiro, por todos os meios pacificos e suasorios; depois, sendo preciso, pelos meios violentos. Mas não se entrava em mais explicações, e nunca se dizia que violencias seriam essas, porque o governo ou reconsiderava, ou caía, e tudo acabava em bem.

A respeito de revolução, apenas debatiamos theorias, nos clubs e nos gremios. Havia muito mais gaforina, mas muito menos acção. A concepção que se tinha da revolução na rua era a da bernarda; e a bernarda não era senão a ameaça tomando corpo sob a fórma do motim, saindo dos quartéis e das choupanas de bacamarte e chuço ao hombro, mas não chegando nunca á carga cerrada por se verificar na occasião que não era preciso.

Como não ha bem que sempre dure (nem mal que não acabe) com o andar dos tempos começou-se a tomar gosto pelo tiro ao alvo. Das barracas de feira onde se disparava ao pombo e ao coelho de cartão recortado, com uma franga de premio se não falhasse uma espoleta, passou-se á carreira de tiro, e tomou-se o caso a sério. Surgiu no alfacinha o atirador civil, tão certo quanto garboso, e isto foi para a policia não só uma revelação, mas tambem um susto — o seu primeiro susto. Data d'ahi o uso que ella passou a fazer do revólver sempre carregado, enfiado no cinturão.

Portugal progride em tudo, faz filé em que isto se saiba, e tem em subida conta o que d'elle julgue a civilisação. Se não se póde dizer que é a patria de todas as idéas avançadas, em boa verdade se dirá que todas ellas aqui encontram uma carinhosa patria adoptiva. Isto não é novidade. A Sociedade Propaganda de Portugal está farta de o dizer. E a policia, para o confirmar, ao mesmo tempo que realisa a sua obra de vigilancia, perscruta factos que nos mostram á Europa como gente *up to date* a respeito de animos e acção revolucionaria.

Emquanto sómente se falava nos comicios de reivindicção e de desforra, e os exercicios de tiro não se faziam senão na carreira de Pedrouços, tudo corria ás mil maravilhas. As palavras não deixavam móssa, as balas só furavam o alvo. Mas desde o dia em que um primeiro policia, indo a apontar o revólver para estreia ao umbigo de Zé Povinho, viu deante de si outro revólver apontado e de gatilho no ar, aca-



JOSÉ RELVAS

NOVO MINISTRO DE PORTUGAL EM MADRID

bou-se o socego, a confiança, e o auxilio da Divina Providencia.

E começou o pavôr!

Aos poderes constituídos pozeram se os cabellos em pé, a pelle fez-se de gallinha, e os olhos, desmedidamente arregalados, espalharam o desvario. Elles foram, assim, e verdadeiramente, a imagem inquietadora do mêdo.

Não ha nada que tão facilmente desarme um bom adversario, como o dar-lhe a perceber que se está com medo d'elle. Zé Povinho era o bom adversario; e o que fez foi passar a divertir-se á custa dos poderes constituídos, começando por suggestionar-lhes perigos terriveis, e obrigando-os depois a tomar contra esses perigos medidas de prevenção que excederam ainda a mais fertil das fantasias ferteis.

Cosias que nunca tinham existido, como as *pavorosas* e as *intentionas*, foram inventadas. A prisão preventiva, a busca domiciliaria, o sequestro, a rusga, a acariação, a apprehensão, a incommunicabilidade, foram o pão nosso de cada dia. A conspiração tornara-se o pesadelo; a bomba era o pavôr.

Vem o 5 de Outubro, faz-se a Republica. E quando todos imaginávamos que ia finalmente ser possível a tranquillidade de espirito e a segurança da nossa querida pessoa, eis que se começa a falar — de quê? Da conspiração monarchica!

Descobre-se então que um antigo commendador de Christo, amanuense dos Proprios Nacionaes, posto na disponibilidade pela Republica, se dedica a experiencias de chimica social, e averigua-se que esse individuo costuma usar uma pequena mala de mão, dentro da qual mette e leva para casa os ingredientes que lhes são precisos para o fim que lá tinha em vista. Pois senhores: agora, mala de mão que algum carbonario lobrigue na rua, põe-se-lhe na pista, e já não a larga.

O carbonario presente o animo de um conspirador em cada individuo que vê com uma pequena mala na mão, e segue-o, persegue-o, consegue embargar-lhe o passo, e apprehende-lhe a mala. A mala é a conspiração!

Com a nossa malinha na mão podia uma pessoa ir para onde quizesse, ou vir d'onde viesse, que quem nos visse passar só suppunha que estariamos no campo ou á beira-mar, e nada tinha com isso. Não faltava até quem, na impossibilidade de sahir da cidade por escassês da pecunia, arranjasse malinha, e todo o dia andasse a cirandar com ella p'la cidade, fingindo estar tambem a banhos ou a ares.

Agora, tudo são conjecturas, hypotheses, premissões. A mala é o misterio — o misterio que se sabe onde está, mas se não sabe o que é. Misterio que nada denuncia: nem as proporções do involucro, que tanto pôde ser maior ou mais pequeno; nem a sua fórma, que tanto pôde ser mais alta ou mais achatada; nem a materia de que é feito, coiro da Russia ou chagrin, pelle de porco, pelle do diabo, ou pelle de contribuinte.

Tampouco ajuda á revelação, nem sequer ao ligeiro indicio, a apparencia do portador. As apparencias enganam, e aqui enganam ellas como em nenhum outro caso. As idéas mais exaltadas abrigam-se muitas vezes no animo dos individuos mais calmos. A historia está cheia de revolucionarios que irromperam de banazólas. Creaturas que supporiamos incapazes de quebrarem um prato, se as incumbem de derruir um regimen, mettem-lhes o hombro e attiram com elle a terra como o poderiam fazer a uma loiceira. E' absolutamente impossivel asseverar-se que um sujeito, seja elle quem fôr, atravessando apressadamente o Caes do Sodré ás seis horas da tarde com uma pequena mala na mão, não vá commetter um horroroso attentado no rapido de Cascaes!

Os carbonarios têm razão!

JOÃO PRUDENCIO.

JOSÉ RELVAS

Novo ministro de Portugal em Madrid

O *Diario do Governo* de 14 do corrente publicou o decreto nomeando o sr. José Relvas ministro portuguez em Madrid em substituição do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, que desempenhava estas funções naquella côrte e que deixou para tomar parte no actual governo como ministro dos estrangeiros.

Não foi dos mais faceis o desempenho do alto

cargo do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, junto do governo espanhol no periodo difficil que atravessamos, especialmente para as nossas relações diplomaticas com o visinho reino, por motivo dos conspiradores portuguezes na fronteira de Galiza, estabelecendo uma situação melindrosa, que felizmente tende a modificar-se, sem comtudo se poder dar por terminada.

Nestas circumstancias o governo do sr. João Chagas entendeu dever nomear o sr. José Relvas para aquelle alto cargo, confiando na competencia do nomeado a quem não faltam dotes de intelligencia e amor patrio para bem o desempenhar.

O sr. José Relvas, ministro das finanças do governo provisorio, dirigiu com bom criterio os negocios da sua pasta, assaz trabalhosa e cheia de responsabilidades e de difficuldades, dedicando-lhe todos os seus conhecimentos financeiros, esforçando-se por equilibrar quanto possível as finanças do tesouro, atendendo ao mesmo tempo, em parte, ás reclamações do publico que de ha muito vinha pedindo a abolição dos impostos de renda de casas e de consumo. O primeiro destes impostos se não foi abolido, foi comtudo bastante modificado, isentando da contribuição as rendas inferiores a 150\$000 réis; o segundo isentou do imposto varios generos de primeira necessidade, incluindo o azeite, pretendendo com estas isenções de impostos favorecer o povo.

Ainda para favorecer os humildes, procurou, nas reformas que fez dos serviços publicos dependentes da sua pasta, melhorar as condições economicas dos funcionarios menos graduados, coisa que até aqui só aos de alta categoria era concedido.

O sr. Relvas afirmou assim praticamente o seu espirito democratico, como já havia afirmado seus ideias republicanos, quando, com a sua intensa propaganda no paiz e no estrangeiro, onde andou com Magalhães Lima, preparou o advento da Republica em Portugal.

Na missão diplomatica, que ora lhe é confiada, crêmos bem continuará sua dedicação ao novo regimen, a par dos sentimentos patrioticos de um verdadeiro portuguez.

O sr. José Relvas seguiu para Madrid no dia 18, devendo ser ali recebido brevemente por sua magestade D. Afonso XIII.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Macau a Hong-Kong

Pouco depois de fundear, vieram cumprimentar-me o ajudante do governador e o commandante da canhoneira *Patria*, capitão-tenente Salazar Moscoso. N'esse mesmo dia visitei em terra o governador da provincia e o bispo e estive a bordo da *Patria*. No dia 8 de agosto deu o governador um grande jantar em honra do *S. Gabriel*, onde concorreram as principaes autoridades civis e militares, e quinze officiaes e guardas-marinhas do cruzador, ao todo umas cincoenta pessoas.

Pelo telegrapho sem fios informei para Hong-Kong que chegaria no dia seguinte ás 9,30 da manhã. Em Hong-Kong não ha estação publica de telegraphia sem fios, mas o nosso despacho foi recebido pelo paquete americano *Manchuria*, ali amarrado, cujo commandante muito amavelmente o mandou communicar ao cruzador *Rainha D. Amelia*. Pelas 6 horas da manhã do dia 10 suspendemos da rada e seguindo pelo sul de Lantão, amarramos em Hong-Kong pelas 9,30 á boia n.º 4, depois de pedir licença ao navio chefe *Vasco da Gama*, de salvar á terra com 21 tiros e ao commodoro inglez a bordo do *Tamar*, com 11.

Encontrámos o porto de Macau muito mais assoriado do que ha 22 annos. No sitio onde fundeámos ao mar da Ponta Cabrita e onde na *Estephania*, que demanda dezenove pés se estava com bastante agua, apenas tinhamos actualmente no baixamar dois pés d'agua por debaixo da quilha.

Em Hong-Kong

Hong-Kong (vale da agua abundante) é o melhor porto natural que conhecemos e dos primeiros senão o primeiro porto do mundo em movimento maritimo. Entram e saem por dia, em

media, 60 vapores e o anno passado entraram mais de 250 mil navios com perto de 18 milhões de toneladas e saíram 253.670 com 17.812.201, ou seja um total de approximadamente 36 milhões de toneladas.

Estava em Hong-Kong, quando chegámos no dia 10 de agosto, além dos cruzadores portuguezes *Vasco da Gama* e *D. Amelia*, o navio deposito inglez *Tamar* e a canhoneira americana *Wilmington*, com os quaes troquei cumprimentos. Visitei em terra o governador interino Sir Francis Henry May, o general R. G. Broadwood e o consul de Portugal, visitas que me foram retribuidas. Hong-Kong foi o ponto escolhido para proceder ás reparações indispensaveis n'uma tão longa viagem, não só por estar a meio caminho mas pelas facilidades que aqui offerecem as docas e officinas e pequeno custo da mão d'obra. Além d'isso, a presença do cruzador portuguez nas proximidades de Macau não era certamente inutil.

No dia 11 fui, em companhia do commandante do *D. Amelia*, procurar Mr. Dyer, director das docas de Kowloon, a quem pedi um orçamento das obras que desejava executar.

Tendo no dia 21 recebido auctorisação de Lisboa para entrar na doca e fabricar, procedeu-se immediatamente a essas reparações. Entrámos a 30 no dique n.º 2 de Rowloon, no qual apenas permanecemos 48 horas por serem insignificantes as obras no fundo, que se resumiram na substituição d'algumas chapas de cobre, collocação d'umas chapas de zinco nos veios e vedamento das valvulas. Depois de sair do dique conservou-se o navio atracado ao caes da doca, continuando o fabrico até ao dia 15 de setembro em que viemos novamente amarrar em Hong-Kong, no quadro dos navios de guerra. Mettemos no dia 16 200 toneladas de carvão Cardiff, fornecido pela casa Dodwell, ao preço de 22,25 a tonelada f. o. b. Nos seguintes dias procedeu-se a uma pintura geral do navio.

Em Hong-Kong passaram quatro guardas-marinhas ao cruzador *D. Amelia*. Os seis que ficavam pertencendo ao *S. Gabriel*, foram, durante o fabrico, destacados para bordo da *Patria*, surta em Macau, afim de proceder a um levantamento hydrographico que faz parte do programma do curso.

No dia 24 de Agosto foi-nos offerecido um jantar pelo governador, ao qual assistiram vinte e quatro pessoas, e por Lady May fomos convidados para as suas recepções no Peak, em Mountain Lodge.

Tambem nos offereceram jantares os consules de Portugal e França e membros da colonia estrangeira e macaista de Hong-Kong.

Nos primeiros dias de setembro estive em Macau a convite do governador da provincia, com quem visitei as novas e bem installadas baterias de 15.º Krupp, perto do farol da Guia, e o novo aparelho lenticular do mesmo farol, illuminado actualmente por um candieiro de quatro torcidas. Tambem em companhia de s. ex.ª fui visitar a nova cidade de Heung-Shao, pouco ao norte das nove ilhas. O porto tem pouco mais fundo do que Macau e é desabrigado dos ventos de leste e nordeste que dominam no inverno. Estão já construidas duas grandes pontes-caes de madeira e em terra existe uma larga avenida com boas casas e varias outras avenidas em construcção ou em projecto. Não me parece que perigue muito o desenvolvimento de Macau com a fundação d'esta nova cidade china que não tem um bom porto nem serve qualquer região especialmente rica. A decadencia de Macau provém em grande parte da abertura ao commercio do rio de Oeste em 1897, para onde se deslocaram algumas industrias ali existentes, taes como o fabrico da seda, do chá, dos panchões, etc., por motivos que me não é dado apreciar.

No dia 15 de setembro voltei a Macau, embarcando na lancha-canhoneira *Macau* afim de fazer uma excursão no rio Oeste e seus canaes, rio que se segue ao Yang-tze em importancia commercial.

Largámos de Macau ás 7 horas da manhã do dia 16 de setembro e subimos o rio de Oeste até Werg-on, onde fundeámos ás 7,30 da noite. Estão n'este ponto as fabricas de panchões que existiam antigamente em Macau. A navegacão do rio é importantissima e vêem-se constantemente grande variedade de lanchas e tankás de todos os feitios imaginaveis.

O serviço de passageiros é feito em parte por grandes vapores de rio, na maioria inglezes. A maioria, porém, dos passageiros chinas utiliza-se dos *Tus* que são grandes lorchas sem mastros, rebocadas por fortes lanchas de vapor. Descem

também o rio de Oeste enormes jangadas transportando as ricas madeiras d'aquellas regiões. Quasi todas estas jangadas trazem içada uma bandeira que significa terem um salvo conducto do chefe dos piratas d'aquella localidade. Parece incrível que navegando no rio bastantes canhoneiras chinas, se consinta um tal estado de coisas que faz pensar estarem os mandarins locais de accordo com os chefes dos piratas.

Suspendemos ás 8 horas da manhã do dia 17 e continuámos a subir o rio. A's 10 passámos a garganta do Dragão (Long-Men). N'este ponto, o rio estreita, tendo uns 250 metros de largo, correndo durante umas quarto milhas entre montanhas de 500 metros de altura. A's 11,30 fundeámos em frente da cidade de Shiu-ing, antiga capital do sul da China, tendo hoje uns 25:000 habitantes. N'estas proximidades veem-se grande numero de pagodes com sete ou nove andares, mas todos abandonados e quasi em ruínas. Dista esta cidade 114 milhas de Macau. No dia 18 de setembro suspendemos ás 8 da manhã e descendo o rio fomos fundear em Sam-Shui pelas 11,30. Este porto está situado na confluencia de tres rios como o seu nome indica. Ha ali um porto de alfandega china que tem importancia, visto o commercio ser representado por tres milhões de taéis. De Sam-Shui parte uma linha ferrea para Cantão que tem um percurso de 30 milhas. Sam-Shui é também o porto de Sai-Nam, importante cidade situada tres milhas mais a leste. A navegação para o rio do norte é feita por umas lanchas espezias tendo dois mastros a par unidos pela parte superior, onde armam duas velas. Devido á sua pouca profundidade não navegam vapores n'este rio.

Pouco depois das 8 horas da manhã do dia 19 começámos a descer o rio em direcção a Kong-Mun, onde fundeámos ás 2 30 da tarde em frente da casa da alfandega. É um porto muito importante, tendo tido o anno passado um movimento de vinte mil lanchas a vapor. Estavam ali fundeadas duas lanchas-canhoneiras inglezas.

Embarquei no vapor da carreira Shiu-on que largou ás 6 horas da tarde e ás 2 da manhã atracou ao caes em Hong-Kong, tendo passado do rio de Oeste para o de Cantão pelo estreito canal de Wong Mun.

No dia 20 entrou em Hong-Kong a esquadra americana composta dos cruzadores *New-York*, *Albany* e *New-Orleans*, quatro caça-torpedeiros e do navio transporte *Rainbow*. Visitámos o almirante Hulbard que foi para conosco d'uma grande amabilidade mandando reservar uma boia para nós, dentro do porto artificial de marinha.

Nos dias 22 e 23 entravam no porto os cruzadores austriacos *Panther* e *Kaiserin Elisabeth* com quem trocámos cumprimentos. Concluíram-se pinturas do navio. A 26, convidei a almoçar o commandante e immediato da *Kaiserin Elisabeth*, que nos tinham obsequiado em Yokohama, e o guarda-marinha americano L. Townsend, filho de Mr. Lawrence Townsend, antigo ministro dos Estados Unidos em Lisboa. Despedi-me do governador e d'outras auctoridades. A' noite offereceu-nos o consul de Portugal um jantar.

Durante a nossa permanencia em Hong-Kong, fomos muito auxiliados no fabrico do navio e nas relações com as auctoridades locais pelo commandante da Estação Naval de Macau e do cruzador *D. Amelia* o illustre capitão de fragata José da Cunha Lima.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



Nas fronteiras de Portugal

Continuamos a seguir o que se vae passando nas fronteiras de Portugal, onde os que conspiram contra o novo regimen, se mantem a despeito de todas as noticias mais ou menos contraditorias que ora os dão internados na Galliza, ora de novo em movimento na raia tentando novas incursões, quer pelo Alto Minho, quer por Traz-os-Montes.

Disse se aqui, em o ultimo numero desta revista, que as forças comandadas por Paiva Couceiro tomam o caracter de guerrilhas e assim é. Com esta tatica, poderão por muito tempo inquietar a fronteira portugueza, obrigando o governo da Republica a ter ali forças militares, sem poderem realizar qualquer operação proficua que puzesse termo a este estado, pois que os ban-

dos de conspiradores não offerecem uma acção ou combate serio que decidisse desta causa, e antes pelo contrario, fogem para a fronteira da Galliza ou se internam a dentro da mesma fronteira.

As ultimas noticias, mais animadoras, dizem que o governo espanhol deu ordens terminantes para desarmar e fazer internar na Espanha, os portuguezes que estejam armados e façam parte dos bandos de conspiradores. Neste sentido as mesmas noticias dizem que já se tem realizado esses desarmamentos e que alguns portuguezes têm sido internados. Outras dão conta de alguns conspiradores terem abandonado os seus camaradas, embarcando para o estrangeiro, e ainda ha os que se tem apresentado ás autoridades portuguezas pedindo indulto.

Entretanto de Couceiro e dos seus immediatos, chefes dos bandos, não é conhecido ao certo o paradeiro, sendo contraditorias as noticias a tal respeito.

Que as forças assalariadas de Couceiro se encontram mais reduzidas e até desmoralizadas, parece fóra de duvida, pelo que se póde concluir das varias noticias que diariamente chegam da fronteira e que, todas são mais ou menos concordes em o afirmar; mas d'ahi até o completo aniquilamento daquellas forças, ainda falta alguma coisa, e tanto mais sabendo-se de um recibo que Paiva Couceiro passou concebido nestes termos: «Declaro que recebi a quantia de vinte contos para o restabelecimento da monarchia em Portugal e que pagarei com a victoria ou com a minha vida.»

Este simples documento diz quaes as suas intenções, o que não repugna acreditar, reconhecido o caracter de Paiva Couceiro.

As ultimas medidas do governo espanhol no sentido de fazer retirar da fronteira da Galliza os conspiradores portuguezes, devem-se em parte á representação que a colonia espanhola de Lisboa, composta de uns trinta mil espanhoes, por intermedio da Associação Galaica, dirigiu ao presidente do governo de Espanha, sr. Canalejas, representação em que, entre outros periodos, se encontra, por exemplo, este:

«O mal estar da vida interna deste paiz sente-se e sentir-se-á; porém, a culpa não póde já attribuir-se aos conspiradores portuguezes, que não dispõem já de valor, nem prestigio, mas ás autoridades espanholas, que aos olhos do mundo mostram o deslustre do seu decoro e da honra nacional.»

O registo destas palavras convém neste arquivo da historia, tanto mais insuspeitas por serem de proprios espanhoes.

Vinhaes foi o ponto da fronteira portugueza onde os conspiradores realizaram a sua primeira incursão, na madrugada de 5 de outubro, chegando a proclamar ali a monarchia e a içar, no edificio da Camara, a bandeira azul e branca. Na vila havia apenas uma pequena força comandada pelo capitão sr. Boaventura Andrade, que não podendo fazer frente ao inimigo que era consideravelmente superior, retirou em boa ordem para um alto de Cidadelhe, afim de não perder o inimigo de vista e preparar, com reforços que esperava, o ataque ao mesmo. Entretanto chegou um official, sr. tenente Figueira, como parlamentar das hostes de Couceiro propondo a rendição, a qual não foi aceite e antes pelo contrario o sr. capitão Andrade intimou a que Paiva Couceiro se retirasse com a sua gente, ou que lhe faria fogo.

De facto, não tardou que as forças do capitão Andrade comesassem a fazer fogo por algum tempo, mas como o inimigo era em numero muito superior, pois o capitão Andrade só dispunha de 70 homens, retiraram-se sobre Chaves, donde voltaram com um reforço de cavalaria 6, sobre Vinhaes, mas os conspiradores tinham abandonado a vila e retirado para a raia, onde, no lugar da Quadra, se travou então combate em que ficaram feridos os tenentes Pereira e Quaresma das forças do governo, e Eça de Queiroz, filho do notavel romancista, das hostes de Couceiro.

Da Quadra, retiraram por fim os conspiradores para a Serra da Corôa, como bom ponto de resistencia e ao mesmo tempo de fuga, por não lhe poder ser cortada a retirada para a fronteira de Galliza.

Entretanto chegavam áquelle ponto da fronteira, reforços enviados de Lisboa, constando de contingentes de caçadores 5, marinha e um esquadrao de cavallaria 2.

A aparição destas forças fez desanimar os incursores, muito dos quaes debandaram, vindo alguns entregar-se ás autoridades portuguezas.

Defendido assim aquelle ponto, Couceiro com a sua gente divagou junto á fronteira espanhola, parecendo procurar algum ponto mais favoravel para nova incursão, como de facto praticou por Sigerei, distante de Chaves uns 30 kilometros.

Esta incursão não foi mais feliz do que a primeira, porque forças de infantaria 6 que acudiram ao ponto, comandadas pelo major sr. Peres, poz os incursores em fuga.

Evidentemente o fim de Paiva Couceiro não seria dar batalha com a gente que tem, mas sim conseguir penetrar na terra portugueza, onde esperava que gente se lhe juntasse e talvez outras forças, com que assentasse arraiaes em certos pontos e delles fôsse avançando pelo paiz dentro. Isto é tão facil perceber quanto é certo que a primeira incursão por Vinhaes em 5 de outubro coincidia com o *complot* preparado no Porto e outras terras do norte, para o mesmo dia.

Esta é a resenha dos factos mais importantes ocorridos nas fronteiras, como se póde inferir dos varios telegramas e participações officiosas, pois não ha por emquanto outros elementos mais seguros.

Resta dizer algumas palavras dos pontos da fronteira mais em evidencia no assunto de que se está tratando.

Vinhaes é uma vila transmontana, do distrito de Bragança, situada em uma planicie, entre outeiros, na margem esquerda do ribeiro das Trutas, confluyente do Tuela. Dista 32 kilometros a O. de Bragança, 292 do Porto e 630 de Lisboa.

Esta vila assente em terreno fertil, foi das mais florescentes por seu commercio de vinhos, que os produzia excellentes para pasto e em abundancia, pois tinha grandes plantações de vinha, donde lhe provém o nome de Vinhaes. O mal das vinhas, porém, trouxe-lhe a decadencia.

Povoação muito antiga, pois data do tempo dos mouros e dos romanos, de que conserva vestigios, deu-lhe seu primeiro foral D. Affonso III, em 1291. O seu castelo foi reedificado por D. Diniz. Nas guerras de D. João I de Castela, com D. João I de Portugal, opoz resistencia ao Mestre de Aviz. Nas guerras dos 27 annos (1640 a 1667) soffreu Vinhaes, como todas as terras da fronteira com Galliza, grandes assedios e destruições, em que teve principal papel o famoso general espanhol Pantoja, que á frente de numerosas forças galegas pôz apertado cerco ao castelo de Vinhaes. Foi por fim, derrotado o seu exercito apezar de auxiliado pelo de D. Diogo Gasconha, que se havia coberto de gloria em Flandres. A derrota se deveu ao Conde de S. João, que, depois de ter invadido terras de Galliza onde espalhou o terror das suas armas, destruiu completamente, com 1:000 infantes e 800 cavaleiros, o exercito de D. Diogo Gasconha.

Foi então a mais gloriosa acção guerreira que se passou em Vinhaes e a ultima com que terminaram aquellas guerras e se assinou a paz entre Espanha e Portugal a 13 de fevereiro de 1668.

Bragança, primeira cidade da provincia de Traz-os-Montes, tem sido o ponto de concentração das tropas do governo, na fronteira desta provincia, assim como Chaves.

É situada junto ás margens do pequeno rio Fervença, que banha os muros da cidade e vae morrer no Sabor. Assenta em grande planicie, muito fertil e proximo ás ruínas da antiga *Bri-gancio* construida com os despojos desta. No tempo dos romanos já Bragança era uma povoação importante e o imperador Augusto Cezar lhe poz o nome de *Juliobriga*, em honra de Julio Cesar. Nas continuas guerras de cristãos contra arabes, estes tomaram e saquearam por varias vezes Bragança, deixando-a por fim arrasada.

Em 1130, D. Fernando Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques e grande senhor de Traz-os-Montes, construiu a nova cidade, onde hoje está e que era o local da aldeia denominada Bemquerença. Bragança andou vinculada á corôa portugueza até que D. Fernando I a deu a João Affonso Pimentel, em dote de sua cunhada D. Joana Teles de Menezes, irman bastarda da rainha D. Leonor.

Por morte de D. Fernando I, João Afonso Pimentel tomou o partido de Castela, pelo que depois D. João I de Portugal lhe mandou confiscar todos os seus bens.

Passou depois a ser senhor de Bragança D. Fernando, filho bastardo do infante D. João e neto de D. Pedro I, casado com D. Leonor Coutinho. Sucedeu-lhe seu filho D. Duarte, mas morrendo sem successão, passou o senhorio ao infante D. Pe-

Nas Fronteiras de Portugal



A CIDADE DE BRAGANÇA

dro (o da Alfarrobeira) o qual o deu a título de ducado a seu irmão D. Afonso, conde de Barcelos, que foi o primeiro duque de Bragança.

Este primeiro duque de Bragança era, como se disse, irmão do infante D. Pedro por ser filho natural e reconhecido de D. João I, que o houve de Inez Fernandes Esteves, natural da Guarda e filha de um judeu converso, castelhano, chamado Mem da Guarda, por alcunha o *Barbadão*, sapateiro de ofício.

D. Afonso, primeiro duque de Bragança, casou com D. Beatriz Pereira, filha única do condestável D. Nuno Álvares Pereira. Deste casamento procedem os duques de Bragança D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jaime, D. Theodosio, D. João I, D. Theodosio II e D. João II aclamado em 1640 rei D. João IV, ficando então o ducado nos primogenitos da casa de Bragança.

Em Bragança existem ainda as ruínas de uma casa acastelada que foi dos seus duques e portanto da última monarquia destronada.

O seu castelo dominado pelas alturas circunvisinhas é pouco defensável e suas muralhas quasi destruídas pelos espanhóis, fôram cahindo em completa ruína com o tempo.

A revolução que em 1808 se levantou nas províncias do norte contra a invasão francesa, teve sua origem em Bragança e foi causa da derrota e retirada para França de Junot.

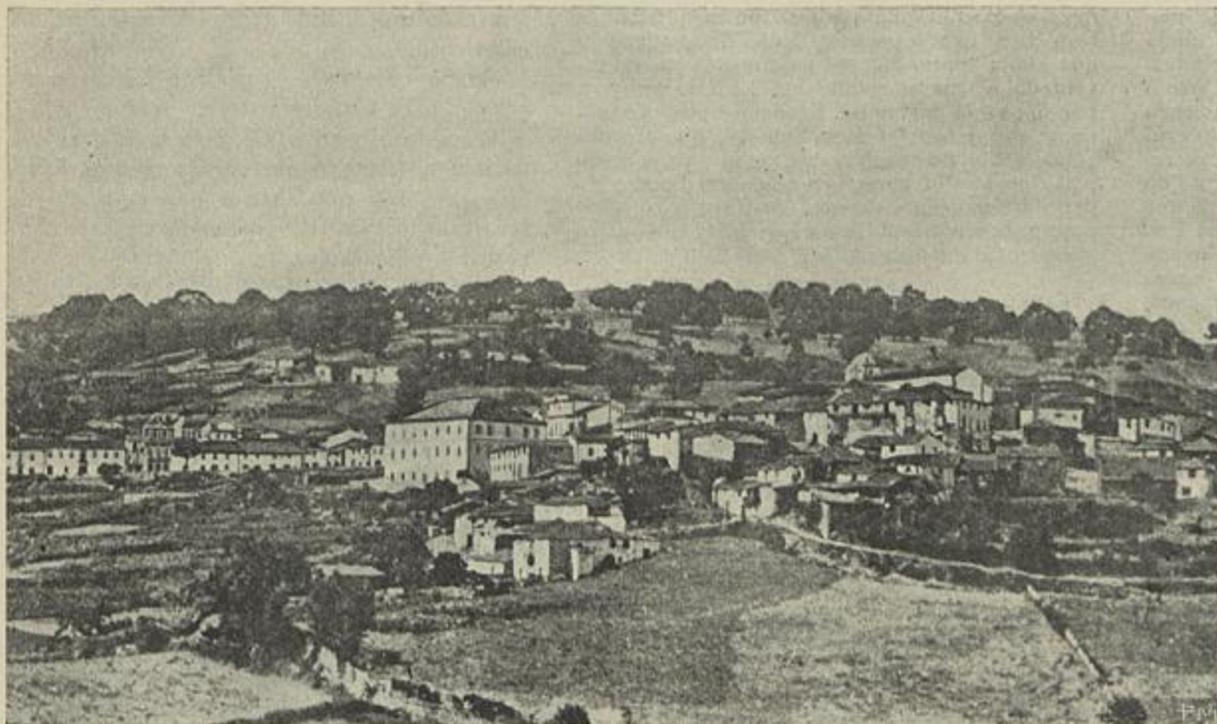
A Portela do Homem, por onde os conspiradores tentaram uma incursão, é um dos pontos da fronteira mais históricos sob o ponto de vista de guerras.

É uma aldeia do Minho, na freguezia de Vilarinho comarca e concelho de Vila Verde, 15 kilometros ao N. de Braga e 375 de Lisboa. Antiga via militar romana que de Braga ia a Astorga, é hoje a linha divisória que ali passa entre a provincia do Minho e a Galliza. Ainda lá se conservam muitos marcos miliarios e se vêem restos de uma trincheira com sua contra escarpa construída por D. João I, reedificada por D. João IV



EM SALGUEIROS — O ESTADO-MAIOR DAS FORÇAS EM OPERAÇÃO E A CRUZ VERMELHA

Nas Fronteiras de Portugal



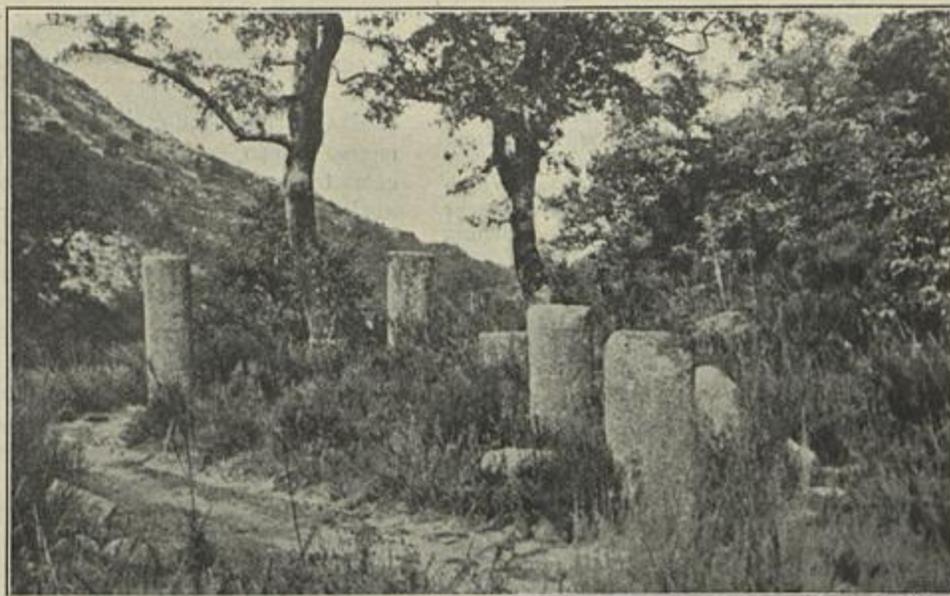
A VILA DE VINHAES

e na regencia de D. João VI. Foi em tempo praça de guerra, estando guarnecida pelos povos das freguezias proximas pelo que tinham o privilegio de não dar soldados para o exercito. Teve papel importante nas guerras com Espanha e na primeira invasão francesa.

Por ali passaram á Espanha os emigrados da revolução de 1828 e por ali emigrou tambem para Galliza o marechal Saldanha em 1851, quando se lhe frustrou a revolta de 7 de abril daquelle anno. Foi curto este exilio, porque rebentando no Porto a revolução de 24 do mesmo mez, feita por Silva Passos e Vitorino Damasio, logo Saldanha se lhe veiu juntar, e no Porto se constituiu ditador, indo de Lisboa buscar o navios de guerra e ás suas tropas com que entrou triunfante na capital, a 13 de maio, ao mesmo tempo que o presidente do governo, conde de Thomar, fugia pela segunda vez para o estrangeiro.

Foi este governo do duque de Saldanha denominado o da Regeneração, nome que ficou ao partido que então se formou.

Por isto se vê que, nos periodos mais agitados da nossa



PORTELA DO HOMEM, OS MARCOS MILIARIOS



CHEGADA DAS FORÇAS DE MARINHA A BRAGANÇA

historia, todos os logares que hoje estão sendo teatro dos ultimos acontecimentos o fôram tambem nesses periodos.

E' a historia sempre a repetir-se e a sua lição a não aproveitar!...



As Experiencias Aerostaticas de Bartholomeu de Gusmão

(Separata do «Boletim do Aero-Club de Portugal»)

1912

Gustavo Tedeschi Corrêa Neves

Capitão de artilharia

Acabo de ler o folheto de 55 paginas, precedidas de gravura adequada, em cujo texto se encontram reunidos todos os elementos que fazem luz preclara sobre o invento de Gusmão e a propria pessoa do inventor.

Este não descerrou as palpebras

á vida na metropole portugueza, descerrou-as em 1685, em Santos, Brazil, a coberto da bandeira de Portugal!

Por direito legitimo o contamos, portanto, no numero dos cidadãos illustres da patria de Camões.

D'elle disse Barbosa Machado, na *Bibliotheca*, monumental:

«... nasceu na Villa de Santos da Capitania de S. Paulo na America Portugueza, e logo nos primeiros annos deo manifestos indicios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admiravel promptidão, com que comprehendeo as dificuldades da Filosofia e Mathematica, como na prodigiosa memoria com que conservava as noticias mais recondidas da Historia Sagrada, e profana. Instruido na Oratoria, Poetica, e Mythologica se lhe acendeu o dezejo de penetrar os mysterios das Leys Imperiaes, e Canones Pontificios para cujo fim preferindo o amor da sciencia ao da patria passou á Universidade de Coimbra em cuja sapientissima Palestra brilharão mais intensamente os rayos do seu claro engenho com admiração de todos os Cathedrati-

cos que sendo expectadores dos seus actos litterarios resolverão ser digno de receber as insignias doutorais na Faculdade de Direito Canonico. Igualmente se admirou a subtilidade do seu juizo em as Orações Evangelicas recitadas nos Pulpitos, como em os Discursos Academicos de que forão theatros a Academia Real instituida em o anno de 1720. debaixo dos Soberanos auspícios da augusta Magestade del Rey D. João o V. nosso Senhor sendo elle hum dos primeiros cincoenta Academicos de que se formou este eruditissimo congresso, e lhe foy cometido escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bispado do Porto, como na Academia Portugueza, de que era Secretario o Excellentissimo Conde da Eriçeira Francisco Xavier de Menezes. Foy versado nas linguas mais principaes, sabendo com pureza a Latina, fallando com promptidão a Franceza, e Italiana, e tinha grande intelligencia da Grega, e Hebraica. Sendo tão donto em varias sciencias nunca se lhe descobrio o menor sinal de vaãgloria, antes sem affectação era tão modesto no semblante, como affavel no genio parecendo muitas vezes a quem o não conhecia que não era deposito de tantos thezouros scientificos dos quaes nos deixou as seguintes obras.»

Dá conta em seguida o famoso Barbosa, dos titulos de seis publicações de Gusmão, que me abstenho de transcrever para não alongar em excesso este artigo, meramente destinado a noticiar o apparecimento do folheto de Corrêa Neves.

Este dividiu a materia, subordinando-a ás seguintes rubricas:

«O Inventor — Os Documentos — As experiencias aerostaticas — Conclusão — Appendice.»

O citado appendice abrange duas partes: *Commemorações e Bibliographia*.

E' pena que a paginação do substancioso folheto haja ficado interpollada por fórma que obriga o leitor a passeios de caranguejo.

A parte similhante senão, facil de reparo, o erudito artilheiro conseguiu, de facto estabelecer a prioridade portugueza concernente á machina de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Não é dos nossos dias o ensaio de esforço para ser dominado o oceano dos arss pelo balão dirigivel: occupa lugar de honra entre os aspirantes a essa grandiosa conquista, o nosso inolvidavel compatriota.

Em homenagem ao auctor e por consideração aos leitores, vou registar o fêcho da *Conclusão*:

«Finalmente em data desconhecida, mas de certo posterior ás experiencias citadas, realisou-se uma 4.^a experiencia, com um balão de dimensões sufficientes, para poder transportar um aeronauta, o qual tendo partido da Praça de Armas do Castello de S. Jorge, veiu descer junto ao Torreão da Casa da India, no Terreiro do Paço, conduzindo na barquinha o proprio inventor. Foi pois esta, segundo parece, a primeira viagem realisada em todo o mundo por um aeronauta, em um balão de ar aquecido. A extensão percorrida é pouco superior a 1 kilometro.

Estavam lançadas as bases da aerostação, e, n'um meio favoravel, as experiencias teriam continuado em larga escala. Em relação, porém, ao que se promettia na *Petição*, ellas foram consideradas como um verdadeiro insuccesso, tendo para isto concorrido bastante os motejos de varios *espirituosos* — dos que apparecem em todas as épocas — que, á falta de engenho proprio, procuravam inutilisar pelo ridiculo, a obra do illustre inventor. As experiencias não proseguiram, mas o inventor grangeou a alcunha de *Voador*, pelo qual era conhecido em toda a parte, chegando até a ser assim designado em actos officiaes e ficando o seu balão conhecido por *Pasarola*. Que admira pois, que depois de uma tal acceitação não ficassem documentos impressos, com noticia das experiencias e apenas alguns trechos fugidios e pouco explicitos, espalhados por varios manuscritos? Como haviam as experiencias de merecer a honra de ser citadas em obras impressas, se ellas eram consideradas d'aquelle modo, pela população de Lisboa? Foram depois mencionadas, sim, mas para serem amesquinhas e ridicularizadas pelas insulsas e insignificantes poesias satyricas, publicadas por ocasião da fuga e morte do infeliz Bartholomeu Lourenço. E eis a verdadeira causa, a nosso ver, do conhecimento incompleto que hoje se tem das tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que, realisadas n'um paiz mais culto e menos disposto a amesquinhar o que é nacional, teriam trazido para elle uma verdadeira

gloria, como a que 74 annos mais tarde, os irmãos Montgolfier, que certamente desconheciam os trabalhos do inventor portuguez, deram á França. Seja como fôr, o que hoje se conhece sobre as experiencias, é, como acabamos de ver, mais que sufficiente para se poder proclamar bem alto, que o primeiro balão de ar aquecido que subiu gloriosamente na atmospheria, foi inventado e experimentado em Lisboa, em 1709, por um sabio portuguez. Saudemos pois nós, em nome do *Aero-Club de Portugal*, que procura actualmente desenvolver no nosso paiz, o gosto pela locomoção aerea — a memoria illustre do dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o sabio portuguez do Seculo XVIII que foi o verdadeiro precursor da aerostação!»

Este facto, nitido e capital, de molde a encher-nos de legitimo orgulho patriótico, está decisiva e definitivamente liquidado por Corrêa Neves, no folheto a que me reporto, não restando motivo para qualquer duvida ácerca do direito que assiste á patria portugueza de asseverar primazia e precedencia no plano de aereo ascendimento dirigivel (1).

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1180)

E agarrando na espingarda pelo cano, ao mesmo tempo que dizia isto, deixava-a cair com toda a força sobre um dos bandidos, abrindo-lhe o craneo n'um abrir e fechar d'olhos, e estendendo-o morto aos pés.

Em toda a noite, nada houve mais assombroso do que o sangue frio e coragem d'aquelle irlandez (como Peter gostava de chamar a si proprio quando estava com vontade de lutar com alguém) e as phrases chistosas que soltava no momento do maior perigo, quando parecia já não restarem esperanças sobre a nossa sorte.

Mas Peter adivinhou o meu intento quando saltámos da rocha onde estava o canhão e acommettemos furiosamente os piratas.

Doze d'elles já tinham saltado em terra. Portanto era preciso varrel-os, lutando cara a cara, peito a peito, fóssem quaes fóssem as consequencias.

— Muita sorte e olho com as *calvas!*... — gritou elle ao mesmo tempo que fazia um sarilho medonho com a arma.

Seth Barker, como é de suppór, estava tambem a nosso lado e podia-se ter n'elle toda a confiança quando chegava o momento de perigo. Ouviam-se perfeitamente os seus grunhidos no meio d'aquelle tumulto. Pelejava como dez e onde caía a coronha da sua arma, caía tambem um homem morto.

Saltamos, como disse, da torre blindada e caímos no meio dos atonitos piratas. A escuridão do sitio, e o reduzido espaço onde lutavamos foi talvez o que me salvou. Via a sombra dos inimigos deante de mim, caras selvagens que se approximavam enraivecidas, e a lucha tornou-se então como a dos tempos antigos, e a coronha da minha espingarda caía sobre elles á doida, como um bater de cego.

Sabe Deus se teria ou não a força de três homens e se fazia ou não uso d'ella com vontade. De cada vez que a levantava era um homem que tombava para o lado. Não se viam

senão corpos estendidos no chão, inanimados, mortos. As pancadas resoavam nas cabeças ou nos peitos, e com elles se misturava o estertor e a agonia, rebolando os piratas uns para o mar, outros soltando gritos lastimosos pediam misericordia.

Mas o milagre de tudo isto foi nós escaparmos para o poder contar.

Eram doze contra três, mas eram doze que temiam a morte e que luctavam para viver, enquanto nós só tinhamos o pensamento de luctarmos para salvar uma mulher e para conservar o nosso lugar.

Abri caminho até á borda da rocha, isto é, até ao mar, e depois voltei-me para vêr como se portavam os meus companheiros. N'aquella occasião dois piratas atacavam Peter Bligh; mas um d'elles caiu de cabeça para baixo, ao mar, no momento em que eu ia em exilio de Peter, e outro, quando ia a levantar o braço para dar uma punhalada em Peter, caiu no chão com uma coronhada na cabeça e foi, rebolando, abysmar-se no fundo do oceano.

— Bem executado, Peter!... Bem executado! — gritei, entusiasmado.

Quando dizia isto, senti cair-me um grande peso nos hombros, como se se tivesse desprendido do céu, e me fez ir de cabeça contra uma pedra. Mas no caminho agarrei-me a uma garganta humana, e apertei de tal maneira, que nós dois fômos aos tombos como feras que buscam sitio onde se agarrarem.

Como o sujeitava? Como vi os seus olhos ao pé dos meus? Que sons extranhos saíam d'aquella garganta? De que maneira ficava os pés para se equilibrar sobre a rocha escorregadia de sangue? Como as suas mãos procuravam a navalha no cinto para me ferir? Não sei explicar.

Mas o que sei é que o tinha tão bem seguro que por fim viu-o sair-me das mãos e ir mergulhar na agua para nunca mais apparecer.

Por fim só restavam três homens junto da porta grande da casa de Czerny.

Três homens que deram graças a Deus porque o perigo já tinha passado.

Esses três homens eramos nós.

Derrotamos os doze, como disse, e durante uma hora o resto dos piratas não teve animo para nos atacar.

Nem o olhar mais penetrante seria capaz de divisar bote algum n'aquella escuridão. Os ouvidos mais attentos não perceberiam ruido de remos. Estavamos reunidos na torre-sita, e methodicamente, como fazem todos os marinheiros, curavamos as feridas recebidas e perguntavamos uns aos outros:

— E agora, que mais haverá?

Recebemos, como não podia deixar de ser, algumas feridas e contusões. Eu tinha um hombro cheio de golpes, que me atormentava bastante; a cara de Peter Bligh parecia a cara de um Lazaro, pois toda ella era sangue de uma ferida que um dos bandidos lhe tinha feito com uma facada; Seth Barker, apertava as costas com as mãos onde recebera tambem um golpe, mas dizia que aquillo não era nada de cuidado.

No fim de contas, não nos importava nada aquellas arranhaduras, e quando os nossos companheiros nos gritaram lá da porta pequena, dizendo-nos que tudo ia bem, sentimos uma alegria doida que nos encheu de satisfação.

E comtudo, entre nós havia suas duvidas se chegaríamos a vêr a luz do dia, mas não restava duvida que tinhamos repellido o primeiro ataque.

(1) Sobre o P.^o Bartholomeu Lourenço de Gusmão e o seu invento de Aerostatos, encontra se desenvolvida noticia no OCCIDENTE, vol. VI, de 1883, a pags. 107, 115, 182, 191, 211, 235 e 258.

Não sei onde diacho se metteram os piratas, mas o que é certo é que não estavam em volta de nós, nem em terra nem no mar.

Apesar d'isso, sabia perfeitamente que elles não se contentariam só com aquella primeira investida.

— Voltarão outra vez, Peter, e talvez seja antes de amanhecer, depois de termos conversado um bocado sobre o que nos tem sucedido. Seria absurdo pensar outra coisa. Se intentarem tomar esta casa, será enquanto dure a escuridão da noite. Olhem que foi uma grande doidice, descer até aqui para os atacar. Estavamos mais seguros nesta torre.

— Também eu já pensei n'isso, capitão, — respondeu Dolly Venn muito sabiamente. —



A CASA SUBMARINA, CAP. XXIV

... dando uma corrida, atirou-se de repente ao mar.

Mas creia que não entram em casa, enquanto a tivermos coberta pelo fogo da metralhadora e das espingardas. Foi uma sorte que Czerny dispuzesse d'esta maneira a sua defeza. Se o encontrar, hei de felicital-o.

Começámos a chalaçar sobre o assumpto, e assim nos alegramos um pouco, porque homens que sabem rir em presença da morte, teem grandes probabilidades de sair com vida do meio da lucta.

Se não fossem os cadaveres que fluctuavam proximo da rocha, e que caprichavam em mostrar-nos as suas caras lividas e os seus olhos esgazeados; se não fossem elles e os gritos longinquos que se ouviam e pela silhueta negra da ilha de Ken, poder-se-ia julgar que eramos quatro companheiros chalaçando na camara de algum navio, fumando nos seus cachimbos e aguardando o momento de saltar em terra.

Mas que isto não podia durar muito tempo, sabiamos nós.

O primeiro sobresalto que tivemos e que nos fez pegar novamente nas espingardas e

gritar «áleral!» não foi nada que viesse do lado do mar, mas sim um grito partindo da casa submarina, um tiro cuja detonação se repercutiu por toda a casa, e uma voz de mulher primeiro, depois a de um homem.

Uma figura humana appareceu inopinadamente no alto da escada; a figura d'um homem gigantesco, de cabello alourado, de punhos fechados e braços estendidos... um homem que lhou para todos os lados cheio de espanto e depois, dando uma corrida, atirou-se de repente ao mar.

Foi aquelle o facto tambem importante d'aquella noite, cheia de acontecimentos extraordinarios.

Tão repentinamente chegára até proximo de nós sem o esperarmos, que quando Kess Denton, (pois era elle o homem amarello), appareceu no cimo da escada e lançou aquelle grito como a desafiar-nos, nenhum de nós se lembrou nem tivemos animo de lhe apontar uma arma nem de lhe impedir o acto que praticou.

Soltava gargalhadas como um louco. Porque viria até ali? D'onde viria? Nenhum de nós o sabia.

Deitou-se ao mar e apenas se ouviam as suas gargalhadas que nos revelavam viver ainda.

— Kess Denton! — gritei enraivecido pelo que vira, acudindo-me as palavras em torrentes á bôca. — Kess Denton, aqui? Alguma coisa ha de novidade!

Clair-de-Lune appareceu no meio d'uma grande claridade.

Tinham acendido as lampadas da casa submarina e o recife encontrava-se agora illuminado semelhando um monstro de prata á superficie do mar. Clair-de-Cune vinha esbafurido, gritando aterrorisado:

— Entrou o mar! entrou o mar na casa! . . .

Vi tudo n'um instante.

Aquelle homem amarello que tinhamos esquecido de fechar nas cavernas interiores, guardava-nos aquelle golpe no momento supremo, pois abriera algum alcapão ou partira os vidros d'alguma claraboia e deixára entrar a agua para inundar aquelle labyrintho.

O mar estava assehoreando-se da casa de Czerny.

— Será possível o que me diz? — gritei. — Então o que vae ser dos homens da casa das machinas? Como pôde escapar o capitão Nepeen?

O doutor Gray estava por detraz do velho francez, e coxeando, veio pôr-se ao meu lado. Encostou-se depois á rocha e começou a falar tranquilamente:

— A agua entrou em casa, mas não inundará as habitações superiores, porque estas se encontram acima do nivel do mar. Estão subindo as provisões e os homens que lá estavam em baixo puseram-se a salvo. Quanto a Nepeen, temos de o salvar de qualquer maneira, n'um bote, talvez. No que penso agora, é na agua que devemos precisar para beber. Que diabo poderemos fazer sem agua?

Sentei-me na rocha e escondi a cara entre as mãos. Todo aquelle dia tinha sido terrivel e á ultima hora sobrevinha mais este contratempo.

Sitiados pelos piratas; condemnados a morrer á fome e á sede n'aquella pedaço de rocha; quatro dos nossos companheiros isolados pelo mar; as proprias trevas da noite, cheias de perigos: tal era a nossa situação.

Que esperanza podiamos ter já de cumprir a promessa feita a Ruth havia três horas?

— Doutor — disse por fim — se não chegámos ao cume dos nossos infortunios, então não chegaremos nunca. Mas somos homens, e portanto devemos obrar como homens. Que as mulheres se reunam na sala grande até o mar lá chegar. Se é agua que necessitamos, amanhã vou á ilha e procural-a-hei. Enquanto a Nepeen, temos bote e temos tambem gente para o tripular. Descance que salvaremos o capitão Nepeen.

Inclinou a cabeça em signal de assentimento, e pareceu cair em fundas meditações.

Clair-de-Lune foi quem primeiro disse alguma coisa razoavel.

— Esse homem inundou a casa — disse elle — mas não conseguirá chegar ao yacht. Afoagar-se-ha no caminho, e Czerny não saberá o que se passa. Apaguem as luzes e esperem.

— Isso é o melhor que se tem dito esta noite. E se Kess Denton não chega aos botes, não poderão os piratas saber o que fez. Nós respeitaremos esse segredo, companheiros, mas o capitão Nepeen deve saber-o immediatamente. Dolly, assobia e espera a resposta. Tenho fé de que não aconteceu nada aos nossos companheiros.

Dolly mettu dois dedos á bôca e soltou um agudo silvo, e pouco depois ouviu-se uma voz que dizia:

— Não ha novidade!

Felizmente os nossos amigos estavam salvos.

Poderiamos dizer o mesmo quando amanhecesse?

As trevas tornaram-se mais densas quando começou a amanhecer. Pensei que aquillo representava tambem a nossa hora negra, e julgava que a fortuna não tinha já nada reservado para nós, a não ser a sepultura debaixo do mar ou o somno eterno nas costas da ilha.

Outra hora passou. Estava prestes a romper a aurora. Ignorava então (o que sei agora) o motivo porque a gente de Czerny se mantinha na sombra sem nos atacar.

E' verdade que houve uma occasião em que fizeram uns tiros do yacht que foram respondidos por outro navio que devia estar ancorado ou pairando do lado S. da ilha, mas nada mais se ouviu aquella noite, nem podiamos vêr ou advinhar o que se passava.

Dentro da casa que tinhamos deixado ás escuras, as mulheres vigiavam, e cá fóra os homens faziam o mesmo.

Não chegaríamos a vêr a luz do dia? Não appareceria o sol no Oriente para enviar-nos os seus alegres raios? Quem poderia saber-o? Quem, no meio das angustias da espera, pôde pensar com tranquillidade?

Como disse já, não houve novo ataque nem nos chegaram noticias certas de como iam as coisas na caverna inferior.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



Naufragio do cruzador «S. Rafael»

Na madrugada de 21 do corrente encalhou nos rochedos da barra de Vila do Conde o cruzador *S. Rafael*, que sahira de Lisboa para o norte em serviço do governo.

Este já agora historico vaso de guerra, pela parte importante que tomou na revolução de 5 de Outubro, sendo o que bombardeou o palacio das Necessidades, obrigando assim o sr. D. Manuel a retirar-se para Mafra e d'ali para o exilio, tomava agora parte activa na defeza da Republica, indo reforçar as forças de marinha no norte.



NAUFRAGIO DO CRUZADOR «S. RAFAEL» NA BARRA DE VILA DO CONDE
(Cliché Benoliel)

O cruzador demandava a entrada de Leixões, mas o temporal era muito e grande a cerração, não permitindo reconhecer a costa muito menos abordá-la, sendo preferível e de boa pratica em taes circumstancias, aproar para o mar largo até passar a borrasca. Alguma razão, porém, haveria para o comandante, capitão de fragata sr. João Antonio Lanche Barbosa Martins Ludovice, muito competente e como tal considerado, não observar esta regra elemental.

O *S. Rafael* encalhou de modo que não foi possível safar-se, conseguindo entretanto salvar-se toda a tripulação, em numero de 17 officiaes e 225 praças, excepto um criado de bordo, que se afogou, e um marinheiro muito ferido que recolheu ao hospital.

Os socorros enviados na ocasião, como foi o *Vasco da Gama* e tres rebocadores que sabiram de Leixões, nada puderam fazer porque o mar era muito e não permitia a nenhum navio aproximar-se do naufragado.

O cruzador *S. Rafael* foi fabricado em França na Companhia das *Forges et Chantiers*, conjuntamente com o cruzador *S. Gabriel*, que é do mesmo tipo, vindo para o Tejo em setembro de 1900. Mede 75 metros de comprimento, 10 de bôca, 4,3 de calado e 7 de pontal. E' de 1:800 toneladas com maquinas da força de 2:650 cavalos, com a velocidade maxima de 15 milhas. Tem o casco de aço e o convez couraçado. Custou 3:150,000 francos ou proxivamente 600 contos.

O seu armamento compõe-se de 2 canhões de tiro rapido; 4 de 12 centímetros; 8 de 47^m/_m; 2 metralhadoras e um tubo lança-torpedos.

Nos ultimos dias, mercê do temporal que abran-

dou, tem-se conseguido salvar muito do armamento, incluindo artilharia, assim como instrumentos de nautica, bagagens da tripulação, etc. Quanto ao navio ha poucas probabilidades de o salvar.



PELOS TEATROS

Gimnásio

A Cocotte tem scenas de um humorismo real com um certo tom de frescura admiravelmente disfarçado pela incomparavel subtileza do autor que já é nosso conhecido e que nos tem mostrado a vivacidade do seu espirito em peças como os *Vinte dias á sombra*.

Pierre Veber fez-nos passar uma noite de constante gargalhada, tal é a maneira como sabe dar relêvo aos personagens e movimenta a acção.

A interpretação é primorosa, dando-nos Judite de Mello uma interessante *cocotte* que depressa se esqueceu de que era uma senhora... quando estava no seio da familia.

Telmo, Cardoso e Albuquerque mostraram-se os artistas de sempre. Os demais, bem.

Os Direitos da mulher, são um acto cheio de scenas desopilantes, em esplendida *charge* ás feministas, o que representa uma questão de actualidade.

A. N.



Homenagem á Marinha de Guerra Portuguêsa.—Pela drogaria Silverio da rua da Prata, 229 e 231, foi publicada uma serie de cartões anunciadores, ilustrados com fotografias dos navios de guerra portuguezes: *Almirante Reis*, *Adamastor*, *S. Rafael*, etc. E' uma publicação interessante a que o sr. Silverio deu o titulo acima escrito, com que comemora a data de 5 de outubro, anniversario da proclamação da Republica Portuguêsa.

A Reforma Ortografica em meia duzia de palavras.—Por C. de F.—Guimarães & C., editores, Lisboa—1911. As iniciaes que firmam este pequeno opusculo, denunciam o seu outor como um dos que mais pugnou pela reforma ortografica, finalmente decretada.

São apenas duas paginas em que sumariou o principal e mais importante das alterações que todos devem conhecer, e dizemos todos, não só pelo que lhes interessa saber, mas por que apenas custa 20 réis e poupa trabalho e tempo em compulsar e estudar a dita reforma.



O casamento é um livro que não vale o seu prefacio.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effcacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200